

**FACULDADE DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
FACIS**

Maria Aparecida Martins Crispiniano

**Psicologia Integrativa Transpessoal:
Mediunidade Clínica,
uma reflexão sobre as intercorrências do fenômeno mediúnico
como estímulo ao desenvolvimento do ser**

**São Paulo
2016**

Maria Aparecida Martins Crispiniano

**Psicologia Integrativa Transpessoal:
Mediunidade Clínica,
uma reflexão sobre as intercorrências do fenômeno mediúnico
como estímulo ao desenvolvimento do ser**

Monografia apresentada à FACIS como
requisito parcial para a obtenção do título de
especialista em Psicologia Integrativa Transpessoal.

**São Paulo
2016**

A todos aqueles que colaboraram de alguma forma com o meu crescimento,
minha eterna gratidão.

RESUMO

O presente trabalho trata-se de uma dissertação apresentada ao Curso de Pós Graduação como requisito parcial para a obtenção do título de especialista em Psicologia Integrativa Transpessoal, que tem por objetivo gerar reflexões sobre a importância do estudo da mediunidade, um dos marcos do despertar espiritual, como estímulo para a melhor compreensão do psiquismo do ser humano, enquanto ser multidimensional e com características transpessoais. A linha de problematização está voltada para questão da ajuda terapêutica, quando tal despertar venha ocorrer através de uma crise; para tanto evoca, através da pesquisa literária, visões de vários estudiosos a partir do século XIX. A suposição inicial aponta para a possibilidade de se prestar ajuda terapêutica, através da Psicologia Integrativa Transpessoal, neste processo de crescimento, em função da crise do sujeito, na integração de si mesmo. Embora o tema mediunidade tenha uma conotação religiosa, é aqui entendida como uma faculdade natural do ser, relativa ao processo de individuação, ou seja, a vivência do eixo experiencial com vista ao processo evolutivo, pois os fenômenos mediúnicos são muito ricos e podem se manifestar na forma de sintomas orgânicos, psíquicos ou paranormais. Para enfocá-los, partiu-se do pensamento contemporâneo da Ciência, através do estudo de caráter exploratório, baseado exclusivamente em fontes bibliográficas, onde os resultados apontam para o reconhecimento dos eventos de ordem da conscientização espiritual, manifestos através da crise, tratando-os de modo apropriado, em função do seu enorme potencial de crescimento.

Palavras chave: mediunidade clínica, psicologia e mediunidade, mediunidade-personalidade.

SUMÁRIO

Introdução	05
Capítulo 1: Mediunidade	07
1.1. Evolução do conceito de mediunidade	08
1.2. Mediunidade no Brasil	09
1.2.1. O transe mediúnico: estado alterado de consciência	10
1.3. Patologias	11
Capítulo 2: A trajetória do conhecimento	12
2.1. Surgimento da Psicologia Transpessoal	13
2.2. Contato com a dimensão espiritual do ser	14
2.3. Critérios médicos	15
2.4. Um olhar recente no cenário brasileiro	16
2.4.1. Outro direcionamento	16
2.5. O médium	17
Capítulo 3: A intervenção clínica	19
3.1. O espiritual	19
3.1.2. O numen	20
3.1.3. A atitude religiosa	20
3.2. A intervenção	21
3.2.1- Mediunidade e personalidade	21
3.3. O despertar	22
3.4. O acolhimento	23
3.5. Estágios do processo do despertar	24
3.6. Emergência espiritual	25
3.7. Resposta ao processo	25
3.8. A crise	26
3.8.1. Relato de uma crise	26
3.9. Apoio terapêutico	27
Conclusão	29
Referências	31

Introdução

A escolha deste tema, Mediunidade Clínica, fundamenta-se no fato de ser pedagoga com várias especializações no campo da Psicologia e ter tido formação religiosa, de início no Catolicismo seguida posteriormente da Doutrina Espírita e do trabalho clínico.

Antecedendo o trabalho clínico, o atendimento voluntário no Centro de Desenvolvimento Espiritual “Os Caminheiros”, por mais de vinte anos, facilitou a observação de grande número de pessoas que ali buscavam soluções para suas questões; elas vinham ansiosas, angustiadas, chegavam assustadas, com medo ou apresentavam problemas psicossomáticos, cabendo então uma ajuda de caráter psicológico, numa conexão entre o conhecimento acadêmico e a espiritualidade.

Dessa observação surge a ideia de um direcionamento das atividades voluntárias, tendo como base o binômio “mediunidade-personalidade” onde a mediunidade é vista como um chamado ao desenvolvimento do ser, o que poderá ocorrer de maneira harmônica ou tumultuada.

A problematização baseia-se na questão: pode, a mediunidade, ser trabalhada através de um modelo clínico voltado para as pessoas cujo despertar espiritual seja tumultuado?

É objetivo deste trabalho é fundamentar a escolha do modelo clínico para atuar com o universo psíquico do médium, valendo-se do estudo de caráter exploratório qualitativo de teor científico, feito através pesquisa teórica no campo da Psicologia Transpessoal de Abordagem Integrativa, pois as abordagens apenas religiosas, muito embora se acredite que o caminho natural para a espiritualidade seja a religião, nem sempre assim se apresenta.

A hipótese apresentada é que a pessoa em crise mediúnica advinda do despertar espiritual de forma desestabilizadora, possa receber respeito, acolhimento, ajuda terapêutica e educacional, através do conhecimento da própria personalidade, da elaboração dos elementos em ajuste, que facilitem o processo da descoberta de novas dimensões de si mesmo. A busca

do sagrado passa necessariamente pelo território psíquico. Sendo de relevância as questões aqui levantadas, que o conhecimento, que as pesquisas já efetuadas ressaltam a importância do tema no contexto da saúde e o colocam dentro da área da Psicologia, adquirindo sua aplicabilidade na área social, levando-o aos que atravessam momentos de crises do despertar espiritual, através da mediunidade, a oportunidade de conscientização, sobre o seu próprio processo, quando não se sintam acolhidos pelas terapias que não possuam essa abordagem.

Para dar cumprimento a hipótese levantada nesta dissertação, os elementos para reflexão serão apresentados em três capítulos, no primeiro observa-se a evolução do conceito de mediunidade; no segundo aborda-se sua trajetória dentro do conhecimento científico e no seguinte fala-se da intervenção clínica.

Esta reflexão aponta conclusivamente, para a necessidade de uma ferramenta de abordagem psicológica que facilite numa perspectiva real, o amplo desenvolvimento do ser humano, abarcando sua dimensão espiritual, para tanto nos voltamos para a Psicologia Integrativa Transpessoal.

Os pedidos de ajuda me fizeram caminhar na busca de novos conhecimentos que representam uma espécie de iniciação do meu próprio desenvolvimento. Depois de muitos anos de voluntariado escolhi trabalhar no modelo clínico a questão mediúnica.

Capítulo 1 – Mediunidade

A mediunidade é uma parte complexa que integra a experiência humana, tendo aspectos filosóficos, aspectos da experiência e do comportamento individual. Os aspectos filosóficos incluem a busca do significado, do propósito na vida, bem como as crenças e os valores de acordo com os quais uma pessoa vive. Os aspectos experienciais, emocionais, psíquicos envolvem sentimentos que se refletem na qualidade dos recursos internos do indivíduo, nos tipos de relações e conexões que existem consigo mesmo, com a comunidade, com a natureza e com o transcendental. Os aspectos comportamentais da mediunidade envolvem o modo como uma pessoa manifesta externamente as crenças e o estado espiritual interno. Muitas pessoas encontram a dimensão espiritual através da mediunidade.

A despeito do fato da mediunidade ter recebido uma abordagem científica apenas entre o final do século XIX e início do século XX, ganhando notoriedade e interesse público nos Estados Unidos e na Europa, foi ela precedida por uma tradição de comunicação com outras dimensões do ser, que remonta à antiguidade. O Antigo Testamento registra que Moisés e os profetas hebreus receberam mensagens de Jeová (BÍBLIA: Ex 20,1-17); no Brasil as pessoas que recebem mensagens de uma dimensão extrafísica, são denominadas médiuns, dentro da visão Espírita.

O Novo Testamento diz da Anunciação de Jesus à Maria através do anjo: “E, entrando o anjo onde ela estava, disse: Alegra-te, muito favorecida! O Senhor é contigo. Ela, porém, ao ouvir esta palavra”...(BÍBLIA: Lc1, 26-38). No século XIX a denominação dada por Kardec à percepção de espíritos através da audição do médium, é clariaudiência (KARDEC, 1979, p.201). Na narrativa bíblica o anjo foi ouvido com clareza.

Na Idade Média quem fizesse relatos de comunicação com seres de outra dimensão corria o risco de sofrer os julgamentos da Santa Inquisição e literalmente arder numa fogueira.

Cada cultura em seu tempo denomina e elabora os fenômenos que envolvem uma sensibilidade maior de maneira própria, o que nos leva a refletir através de uma perspectiva

psicossocial, na busca de melhor compreender as lacunas que ainda cercam o estudo psicológico da mediunidade.

1.1. Evolução do conceito de mediunidade

Embora o fenômeno mediúnico seja tão arcaico quanto a sensibilidade do ser humano, no mundo letrado ocidental, no século XIX, coube ao pedagogo francês Hippolyte Léon Denizard Rivail pesquisá-lo, sob o pseudônimo de Allan Kardec, que notabilizou-se como o codificador do Espiritismo, é dele o conceito que diz:

Todo aquele que sente, num grau qualquer, a influência dos Espíritos é, por esse fato, médium. Essa faculdade é inerente ao homem; não constitui, portanto, um privilégio exclusivo. Por isso mesmo, raras são as pessoas, que dela não possuam alguns rudimentos. Pode, pois, dizer-se que todos são, mais ou menos, médiuns. Todavia usualmente assim só se classificam aqueles em que a faculdade mediúnica se mostra bem caracterizada e se traduz por efeitos patentes de certa intensidade, o que então depende de uma organização mais ou menos sensitiva. É de notar-se que esta faculdade não se revela, da mesma maneira em todos. (KARDEC, 1979, p.195)

Kardec denominou mediunidade a sensibilidade para o contato com os espíritos, fez uma classificação geral dos diferentes tipos de mediunidade através das manifestações dos fenômenos, que podem acontecer de maneira harmoniosa ou intempestuosa.

Neste trabalho o interesse se volta para as questões menos harmônicas das intercorrências psíquicas da expressão mediúnica, uma vez que aqueles que estão mais harmonizados com a situação não buscam ajuda terapêutica.

No meio religioso espírita do Brasil, que alberga além do kardecismo também as religiões afrodescendentes, o conceito de mediunidade se expande, não estando limitado aos estados de transe bastante perceptível. Para seus praticantes a mediunidade pode estar presente em quaisquer das atividades humanas, desde a elaboração de um texto científico ou literário até a inspiração artística, “incluindo-se aí também ocorrências menores, como vagas sensações físicas ou mesmo estados emocionais passageiros de irritabilidade, tristeza, alegria súbita, pensamentos obsessivos, momentos de genialidade etc”. (ZANGARI e MARALDI 2009, p.233).

Atente-se aqui, que o Boletim da Academia Paulista de Psicologia cita no transe mediúnico “estados emocionais” e “pensamentos obsessivos” temas estudados pela Psicologia, abrindo um espaço para interação mediunidade e personalidade.

Outros conceitos encontrados na literatura espírita, giram em torno deste contato com o mundo dos espíritos. Espíritos somos todos, encarnados ou desencarnados, porém considerando a evolução nas diferentes áreas do conhecimento, atualizando o pensar, pode-se

conceituar mediunidade como a capacidade natural de percebermos o universo energético que nos rodeia, lembrando que matéria e energia são consideradas a partir de Einstein, duas faces da mesma moeda. Então a conceituação de mediunidade alarga seu território.

Observando o movimento evolutivo do conceito, no meio acadêmico a mediunidade começa a ser vista como uma forma de comunicação paranormal considerada como oriunda de uma fonte situada numa dimensão extrafísica, não advinda da mente consciente do médium (Klimo, 1998, *apud* Almeida e Lotufo, 2004); olhando outros pesquisadores encontramos outras formas de perceber a mediunidade como

uma faculdade natural do ser humano, e por ser natural apresenta-se em todas as pessoas, independentemente de credos religiosos (...) é uma capacidade de percebermos o universo energético que nos rodeia em suas múltiplas dimensões (...) é uma capacidade transfísica (...) é um recurso que a natureza nos fornece como uma alavanca para o despertar da espiritualidade (MARTINS, 2001, p. 13).

1.2. Mediunidade no Brasil

Aqui no Brasil a mediunidade está muito relacionada à Doutrina do Espiritismo, porque este é o único grupo que estuda, observa, pesquisa e pratica o fenômeno abertamente. Cursos, palestras, eventos, publicações, reuniões são projeções exteriores do anseio de crescimento interior; então a mediunidade, sem grandes espaços nos meios científicos, mantém uma capacidade de renovação através do cidadão comum que frequenta os meios espíritas; quando ele evolui o conceito caminha junto. Quando um psicólogo, ainda que pondo seu diploma em risco, aceita atuar enquanto médium num centro espírita, fatalmente leva seu conhecimento para lá, o que é o caso de Luiz Antonio Gasparetto citado por Grof (GROF e BENNETT, 1999, p.176) tal fato favorece a introdução de novos conhecimentos associados ao tema, pois a mediunidade dentro do espiritismo ou fora dele não segue um padrão central como o catolicismo segue os ditames de Roma.

Cada centro espírita tem um responsável, um orientador que o mantém, inclusive economicamente, o que vem permitir um movimento mais aberto, que por sua vez areja conceitos, onde a forma de olhar para a mediunidade passa por reformulações do tipo: um cientista dentro de um laboratório é um médium da Ciência, ou o músico é um médium da Música ou que o professor intermedeia o conhecimento.

A mediunidade coloca o sujeito em contato com uma outra dimensão da realidade e tal conexão ocorre através do psiquismo, seguindo os caminhos da percepção e da interpretação. A percepção está ligada ao sistema nervoso, de funcionalidade extremamente sensível, capaz de perceber os eventos energéticos. Do ponto de vista neurológico mediunidade é uma

capacidade de sensopercepção, ideia bastante divulgada pelo professor Sergio Felipe de Oliveira, Mestre em Neurociências e Comportamento pela Universidade de São Paulo nos congressos da Associação Médico Espírita do Brasil, associação esta fundada em São Paulo, dia 17 de junho de 1995, durante a realização do 3º Congresso Nacional de Médicos Espíritas ; quanto à interpretação do fenômeno mediúnico, é um evento psíquico de caráter pessoal, onde tangenciamos outra área do conhecimento: a Psicologia Integrativa Transpessoal.

1.2.1. O transe mediúnico: estado alterado de consciência

O transe mediúnico é um estado alterado de consciência.

Os estados alterados de consciência são aqueles não ordinários, que podem ser atingidos de diferentes maneiras e que permitem o acesso aos domínios da experiência transpessoal. Segundo Grof, (1992, p.31) psiquiatra checo contemporâneo, que viveu experiências transpessoais, quando adentramos no território de tais experiências, descobrimos que as barreiras que acreditávamos completamente reais, não o são.

Na visão transpessoal, experimenta-se uma expansão ou extensão da consciência além dos limites usuais do corpo e do ego, tanto quanto muito além dos limites físicos da vida diária, pois “a psique existe dentro de tempo e espaço ilimitados” (SALDANHA, 2014, p.164).

Igualmente o transe mediúnico caracteriza-se por uma dissolução parcial dos limites do ego, concomitantemente a uma profunda identificação com outra consciência (extrafísica ou não), que poderá se manifestar através do médium.

Na visão de Grof a forma de conexão transpessoal que sentimos com outra pessoa pode chamar-se “unidade dual”, aqui em solo pátrio recebe, nos meios espíritas, a denominação de transe mediúnico. “Em experiências de unidade dual temos uma sensação de completa fusão e nos tornamos uma só pessoa, ainda que mantenhamos o sentido de nossa própria identidade” (GROF, 1999, p.117).

Há, no dizer de Groff, uma extensa categoria de experiências transpessoais, tanto quanto na mediunidade, segundo Kardec (1979, p.195), temos igualmente uma vasta classificação de fenômenos mediúnicos que vão além do *continuum* espaço tempo e da realidade que conhecemos no cotidiano. Tanto nas experiências duais de Grof, quanto nos transe mediúnicos de Kardec, experiencia-se o mundo arquetípico do mito, das aparições, da comunicação com os mortos, nelas temos “encontros com espíritos guias, entidades super ou sub-humanas” (GROF, 1994, p.174). Acrescente-se a esse rol de experiências, as de caráter

mediúnico que ocorrem nas sessões espíritas ou fora delas: as experiências vividas fora do corpo.

Inúmeros são os tipos de experiências mediúnicas ou duais, indo desde o recebimento de mensagens até os processos de transfiguração que produzem profundas mudanças visíveis na aparência física do médium, envolvendo postura, gestos e expressões faciais podendo parecer completamente estranho, “sua voz pode sofrer mudanças na inflexão, acentuação, tom e cadência” (GROF, 1999, p. 175).

Muito embora a psiquiatria tradicional classifique tais fenômenos como alucinações autoinduzidas, esquizofrenia ou outros tipos de patologia mental mais ou menos grave, ao terminar o transe, o médium retoma seu estado de consciência habitual e segue sua vida normalmente, fato também observado por Almeida em sua pesquisa de doutorado (ALMEIDA 2004) quando traça o perfil do médium.

1.3. Patologias

Certamente existem as patologias, as neuroses, as doenças mentais e alucinações, mas há também fatores que permitem diferenciar a mediunidade da doença mental. Os dois principais critérios a serem observados são a coerência mental do indivíduo quando em seu estado ordinário de consciência e o caráter noético e a verificabilidade das mensagens obtidas. Grof (1999, p.176) coloca as coisas da seguinte maneira:

Se toda comunicação com entidades desencarnadas envolvesse apenas visões e um vago e subjetivo senso de interação com as mesmas, poderíamos descartar tais experiências como artifícios da imaginação ou ilusórias criações do pensamento. Porém a situação não é tão simples. Seguidamente, há informações fornecidas por “seres desencarnados” que podem ser verificadas mais tarde.

Tais verificações ainda que verdadeiras não são o foco de atenção deste trabalho, mas sim o aspecto de ajuda ao desenvolvimento pessoal que tais transe possam significar ao médium.

O transe visto sob o prisma de seu caráter noético, uma vez que, aquilo que se percebe nesse estado é notado como real, de uma realidade bastante intensa, pois o médium sente as emoções durante o transe de uma maneira muito forte, fato que pode ser visto, como uma intercorrência psíquica na jornada do sujeito para tornar-se um todo. Buscar a simbologia do transe, como se busca a do sonho, significa aceitar tudo de nós e procurar ajustar as lacunas que existem entre a sombra e a persona. Deste ponto de vista, atuar com o transe mediúnico é um convite ao desenvolvimento do ser, é um convite da Vida ao processo de individuação.

Capítulo 2 – A trajetória do conhecimento

No final do século XIX, a mediunidade foi objeto de investigações por representantes da Psicologia e Psiquiatria quando Pierre Janet, neurologista francês e Sigmund Freud, neurologista criador da Psicanálise, associaram mediunidade a psicopatologia, enquanto William James e Carl G. Jung aceitavam a possibilidade de um caráter não patológico e ainda Frederic W.H. Myers, professor de cultura clássica na Universidade de Cambridge, pesquisador de fenômenos paranormais e cofundador da "*Society for Psychical Research*" em seus estudos sobre o tema, percebeu que grande parte das manifestações consideradas mediúnicas teria seu ponto de origem na emergência de conteúdos do *Self* do próprio sujeito. Nas inúmeras vezes quando o médium tornava evidente, conhecimentos não passíveis de terem sido adquiridos pelas vias ordinárias, defendia Myers que teriam sido obtidos por telepatia ou clarividência (MYERS *apud* ALMEIDA, 2004, p.11).

A partir da segunda metade do século XX estudiosos de um perceber mais apurado, vão reabrindo o tema da espiritualidade no espaço cultural, e dentro dos limites da Psicologia surge um movimento que ganha notoriedade: a Psicologia Transpessoal, que traz em seu bojo a possibilidade de conhecer melhor o potencial humano do qual William James, no início do século passado, já fazia referência:

A nossa consciência normal, em estado de vigília, é apenas um tipo especial de consciência, ao passo que, em toda a sua volta, separadas dela pela mais fina das telas, jazem formas potenciais de consciência totalmente diversas. Podemos passar a vida inteira sem suspeitar-lhes sequer da existência; aplique-se-lhes, porém, o estímulo necessário e, ao primeiro toque, por mais leve que seja, ei-las ali, em toda a sua completude... (JAMES, *apud* WILBER, 2003, p. 15)

Considerava James “a possessão mediúnica uma forma natural e especial de personalidade alternativa”. Também era de opinião que “a predisposição para tais vivências não seria algo incomum” (JAMES, 1890, p.48). E ainda que “a investigação do transe mediúnico é uma tarefa árdua, pois seria um fenômeno excessivamente complexo, onde muitos fatores concomitantes estariam envolvidos”.

William James pesquisa o fenômeno da manifestação mediúnica por mais de duas décadas. Falece em 1910, portanto antes do surgimento da Psicologia Transpessoal.

Diferentes estados de consciência são experimentados, por todo indivíduo no decorrer de sua vida, mesmo no dia-a-dia todas as pessoas experimentam esta mudança em seu estado de consciência no simples ato de dormir. Para a Psicologia Transpessoal esses distintos estados de consciência influenciam diretamente nossa vivência de realidade: "A epistemologia, ou teoria do conhecimento, terá de levar em consideração o fato de que a vivência de realidade é a função do estado de consciência" (WEIL, 1989, p. 82).

2.1. O surgimento da Psicologia Transpessoal

Hoje se reconhece na Psicologia quatro grandes correntes, ou “forças”. A primeira é a abordagem Comportamental ou Behaviorismo, a segunda é a Psicanálise, fundada por Sigmund Freud e a terceira é a Psicologia Humanista e a Psicologia Transpessoal que surge com a proposta de ser a quarta corrente da Psicologia, sendo a primeira a considerar expressamente que o homem possui uma dimensão espiritual.

Maslow, expoente da Psicologia Humanista, ao se deparar as experiências de pico já anunciava o desenvolvimento da Psicologia Transpessoal, no que foi acompanhado por outras vozes: Roberto Assagioli relatou o processo do despertar espiritual, em sua Psicossíntese, como sendo longo e multiforme; Viktor Frankl enfatizou, através da Logoterapia, um sentido para a vida afirmando que o sentido infinito está fora do campo perceptivo da ciência e ainda que “o inconsciente não se compõe unicamente de elementos instintivos, mas também espirituais” (FRANKL, 2014, p.19), Stanislav Grof estudando as emergências espirituais, Ken Wilber correlacionando a Filosofia Oriental à Ocidental, entre outros temas, lembra que a imensa maioria dos pesquisadores modernos não inclui, ou nem mesmo reconhece os níveis superiores, transpessoais e espirituais da consciência..

Wilber (2007, p. 307) apresenta um alerta no tocante a repensar a forma de pesquisa entendendo que ao invés de questionar, se uma abordagem está correta e outra incorreta,

assume que cada abordagem é verdadeira, mas parcial; então busca integrá-las; seu método possuidor da visão integrativa, apresenta três aspectos do conhecimento, denominado “três olhos do conhecimento”, a saber: “o olho da carne” que se detêm no aspecto sensorial, o contato com as coisas, onde todos participam; “o olho da mente”, constituído do universo do pensamento, o que lembra o mundo das ideias de Platão e o “olho do espírito” onde o praticante de exercícios espirituais atinge *insights* dessa ordem. Sendo ele próprio um praticante, o quê valida seu parecer. A grande maioria dos profissionais da saúde, médicos ou psicólogos nunca fizeram contato com tais práticas, mas detêm o aval do estado para laudar a sanidade mental de seus clientes.

O movimento vai se fortalecendo e a Psicologia Transpessoal de Abordagem Integrativa, aquela área da Psicologia que tem olhos voltados para a dimensão espiritual do ser, e também para a consciência humana nos seus mais diversos níveis de manifestação, que considera todas as expressões conhecidas do psiquismo humano, albergadas no nível psicodinâmico dos estados de consciência, abrindo espaço para níveis mais profundos como as vivências arquetípicas, as memórias de vida intrauterina, as percepções da unidade cósmica, os estados de êxtase e toda sorte de experiências do homem, provenientes de sua dinâmica interior, na busca de melhor conhecer totalidade do ser.

2.2. O contato com a dimensão espiritual do ser

O contato e a exploração da dimensão espiritual do ser, nem sempre ocorre de maneira harmônica, suave, através de um ato volitivo, por vezes acontece de modo tempestuoso abalando o equilíbrio do sujeito. Esta é uma fase do desenvolvimento da personalidade que não aparece nas habituais classificações dos compêndios de Psicologia. Roberto Assagioli se refere a esta fase, comparando o desenvolvimento espiritual a uma viagem por territórios inóspitos, cheia de fatos surpreendentes, repletos de embaraços, relutâncias e até perigos. Diz ele, que esta exploração da dimensão espiritual, “envolve uma drástica transmutação dos elementos ‘normais’ da personalidade, um despertar de potencialidades até então adormecidas, uma ascensão a novos domínios e um funcionamento de acordo com uma nova dimensão interior” (ASSAGIOLI, 1982, p.53) se referindo a uma grande transformação que pode ser acompanhada por distúrbios físicos ou psíquicos. Desconhecer as características desse despertar, pode ocasionar falhas no diagnóstico da situação e conseqüentemente na orientação do sujeito, ainda que bem intencionado esteja o terapeuta.

Stanislav Grof, na própria trajetória relata a transformação de sua visão ateísta de mundo, quando sua sensibilidade através de seu próprio trabalho, chama a atenção para o campo espiritual do ser.

Christina Grof descreve experiências estranhas pelas quais passou nos seguintes termos:

“ senti um ‘clic’ repentino em algum lugar dentro de mim, quando energias poderosas e desconhecidas foram liberadas inesperadamente e começaram a fluir pelo meu corpo. Comecei a tremer incontrolavelmente. Imensas vibrações elétricas vinham-me dos pés (...) até o topo da cabeça. Mosaicos brilhantes de luz branca explodiram na minha mente e, (...) senti ritmos estranhos e involuntários de respiração tomando conta de mim. Era como se eu tivesse sido atingida por uma força milagrosa, mas assustadora que me deixava excitada e aterrorizada: os calafrios, as visões ... (GROF, 1994, p.19)

Estes relatos de uma emergência espiritual são bastante semelhantes aos dos tranSES mediúnicos quando os médiuns narram que sentem medo de suas vidências, que sentem presenças invisíveis no ambiente, quem têm arrepios estranhos que correm o próprio corpo ou ainda que veem vultos, ou ouvem ruídos, etc.(MARTINS, 2001, p.30)

Não é de se admirar que o sujeito, que está levando sua vida tranquilo, de repente comece a ter fenômenos, de clarividência, ou seja, visão de algo que ninguém mais vê, ou clariaudiência, passando a ouvir vozes, fique assustado com tais fenômenos, busque ajuda e obtenha um diagnóstico que tangencie o distúrbio mental.

2.3. Critérios médicos

O conhecimento avança, vai abrindo novos espaços para as múltiplas dimensões do ser e o próprio Código Internacional de Doenças, em sua décima edição, registra na letra F 44.3 os estados de transe e possessão, onde se lê:

“Transtornos caracterizados por uma perda transitória da consciência de sua própria identidade, associada a uma conservação perfeita da consciência do meio ambiente. Devem aqui ser incluídos somente os estados de transe involuntários e não desejados, excluídos aqueles de situações admitidas no contexto cultural ou religioso do sujeito.”

Entendendo-se claramente que ficam inclusos na classificação de doença apenas os tranSES que aconteçam à revelia do sujeito.

Sem esquecer que ao se referir ao DSM-IV, o Manual de Diagnóstico e Estatística da Associação Norte Americana de Psiquiatria, Jeff Levin, epidemiologista, pesquisador norte americano publica que:

“Em fase da tendência que se mantém na psiquiatria, desde longa data, de ignorar ou patologizar as dimensões religiosas e espirituais da existência humana, a inclusão de um problema religioso ou espiritual no DSM-IV assinala um avanço significativo. Pela primeira vez, existe um reconhecimento de problemas psicológicos de uma natureza religiosa ou

espiritual que não podem ser atribuídos a um distúrbio mental...[Esta] nova categoria de diagnósticos poderia ajudar a promover uma nova relação entre a psiquiatria e os campos da religião e da espiritualidade, que beneficiaria tanto os profissionais da saúde mental como aqueles que procuram a assistência desses profissionais.” (LEVIN, 2003, p.215)

Em 2013, a mesma Associação de Psiquiatria Norte Americana, atualiza oficialmente o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V), incluindo problemas espirituais e religiosos como uma nova categoria diagnóstica, ou seja, eles deixavam de ser classificados como transtornos mentais.

2.4. Um olhar recente no cenário brasileiro

Partindo deste patamar e avançando para o Brasil, encontramos do ponto de vista acadêmico, além da literatura, os cursos de abrangência da Psicologia Transpessoal; e avançando no cenário das pesquisas: estudos, teses e artigos, entre eles um alerta que chama a atenção para a formação do profissional de Psicologia, a recente tese de Mestrado de Cavalheiro relata que muitos estudos tem “apontado a espiritualidade do psicólogo como menor que a da população em geral”; destaca-se que a pesquisa realizada pela autora com 1064 estudantes de Psicologia, sendo 672 calouros e 392 formandos de todas as Universidades gaúchas no final de 2009, que permite observar que entre os formandos os índices ligados à espiritualidade foram significativamente menores quando comparados aos calouros, “assim como revelaram acreditar menos em Deus, ou Força Superior”, além disso a importância da espiritualidade na clínica psicológica e no enfrentamento de situações cotidianas também é menor para os formandos (CAVALHEIRO, 2010, p.58). Os dados encontrados demonstram a realidade do despreparo no tocante ao desenvolvimento integral do terapeuta.

Do terapeuta transpessoal espera-se que tenha, além do conhecimento teórico e técnico, também sua vivência do Absoluto para que possa compreender e trabalhar “com os aspectos transcendentais do Ser” uma vez que o ser humano é mais que um corpo que pode adoecer. (MACIEIRA, 2007, p.21)

2.4.1. Outro direcionamento

Caminhando, aqui no país, noutra direção partir de 20 de janeiro de 2014 o Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP sob a regência do psiquiatra Frederico Camelo Leão, instala o Programa de Saúde, Espiritualidade e Religiosidade, que visa compreender a relação existente os seguintes : atividades de pesquisa, ensino e assistência terapêutica. Segundo o psiquiatra, a complexidade do ser humano e a

saúde mental vão muito além das questões neuroquímicas – e é essa premissa que guia o programa.” (NAOE, 2014. Eletrônico USP)

Pode-se notar que à medida que a sensibilidade do pesquisador avança o método de pesquisa acompanha, entendendo-se que a ciência constitui-se de uma constante busca, que envolve a intuição do tema, as deduções alinhavadas pelo raciocínio do pesquisador dentro do grau de sensibilidade que possua. Wilber vive o que apregoa.

Podemos observar que na esfera do conhecimento científico o átomo foi indivisível até que foi dividido... Desde o grego Demócrito 460-370 a.C. até a divisão do átomo a partir do século XIX, passaram-se mais de vinte séculos até que o homem tivesse “olhos de ver”. Cientista nenhum viu ocularmente o átomo, mas ninguém duvida dos efeitos da bomba atômica. Wilber chama a atenção para o “olho do espírito” como a medida adequada para se pesquisar o território da espiritualidade, sem o quê, a ciência se defronta com o erro de categoria.

2.5. O médium

O cidadão comum brasileiro não tem acesso a este nível de discussão, mas por vezes, percebe que há algo estranho acontecendo no seu universo interior, sua sensibilidade o conecta a regiões transpessoais e essa conexão com um universo energético desconhecido, o desestabiliza e ele passa a ter visões, sente presenças, calafrios, arrepios, ouve ruídos; seu estado habitual de consciência oscila, ele desconhece o fato e não sabe a quem recorrer, se viver num meio que tenha algum conhecimento de espiritismo poderá encontrar alguma orientação de conotação religiosa; caso contrário a orientação ficará ainda mais distante ou será tratada com medicação de tarja negra, quando pode estar passando por uma crise de crescimento espiritual ou como denomina Grof: uma emergência espiritual.

No meio acadêmico o termo mediunidade ainda tem restrições, herança provável de até na virada século XIX, muito embora o estado fosse declarado laico, o Espiritismo era crime previsto com base no artigo 157, do Código Penal Brasileiro de 1890, punido com até seis meses de prisão que também previa multa para o praticante.

Atualmente a pesquisa de Almeida constata o perfil do médium como pessoa que:

em 46,5% tem curso superior, 76,5% eram mulheres, menos de 3% estavam desempregados, e a idade média era de 48 anos. A maioria era espírita há mais de 16 anos, vieram de famílias não espíritas e as vivências mediúnicas começaram na infância. (ALMEIDA, 2004, p.65)

Consultado o IBGE, na pesquisa de 2010, o grupo religioso de maior índice de escolaridade, ou seja, superior completo é o Espírita, bem como o de maior renda; o que se constitui numa visão modificada daquela que se possuía anteriormente.

Capítulo 3: A intervenção clínica

Sabe-se que as patologias mentais necessitam ser tratadas como tal, porém o desenvolvimento da consciência espiritual do homem é natural, permeia sua capacidade evolutiva, constituindo um movimento rumo à integração, sua manifestação implica além das questões psíquicas, também as de ordem históricas de seu meio cultural; contudo tal despertar não depende da simples decisão egóica e por vezes é tumultuada.

3.1. O espiritual

O uso do termo espiritual em sua conotação utilizada clinicamente inclui, não apenas a experiência do *religare*, mas atentar para os estados de consciência relacionados à manifestação da dimensão espiritual do ser, através da experiência do numinoso, uma vez que a mediunidade, aqui no país, é vista sob o véu da religiosidade, aceita por alguns grupos religiosos e rejeitada por outros; porém há que se destacar que a capacidade de percepção daquilo que é mais sutil, da qual o sujeito é dotado, não pertence a nenhuma seita religiosa, é própria dele e não de qualquer religião institucionalizada que por ventura abrace. Entendendo-se por religiosidade o sentido usado por Jung, religião do vocábulo latino *religere*, onde “o numinoso pode ser a propriedade de um objeto visível ou o influxo de uma presença invisível, que produz uma modificação especial na consciência” (JUNG, 1987, p.9).

Todas as pessoas são dotadas da capacidade de percepção, em diferentes níveis de modulação. Enquanto o maestro é capaz de discriminar uma nota emitida meio tom acima do desejado, durante o ensaio do concerto, quem não tiver “ouvidos de ouvir”, não perceberá o

fato; do ponto de vista neurológico a percepção aumenta à medida que os neurônios são estimulados. Quantos na população têm “ouvidos de ouvir” para o contato com numinoso? Esta resposta não pode ser encontrada em exames laboratoriais, há que se desenvolver outros meios de pesquisa.

3.1.2 O numen

O numen ou numinoso, segundo Otto, é “ente sobrenatural, do qual ainda não há noção mais precisa” (OTTO, 2007, p. 28). É pertinente observar que, de acordo com essa definição, as duas expressões “ainda” e “não há”, se referem a ideia da dificuldade de se conceber tal ente; assim entendido: o “ainda”, advérbio de tempo, indica que a noção faltante pode ser construída, e as duas expressões juntas indicam que a experiência está ali, podendo ser percebida, pode ser até mesmo conceituada, porém existe numa realidade além, imensurável, imprevisível.

A experiência numinosa ou mística, dispensa definições que tendem a esgotá-la, dispensa articulações racionais, uma vez que o numinoso requer uma sensibilidade perceptiva orientada para ele. O que lembra a já citada teoria de Wilber.

Considera-se aqui a possibilidade da experiência transpessoal como algo que se encontra em estado latente no sujeito, que pode ou não se manifestar, algo que pode contribuir para o desenvolvimento da sua personalidade.

Otto destaca que “o sentimento do numinoso é desse tipo. Ele eclode do ‘fundo d’alma’, da mais profunda base da psique” (OTTO, 2007, p. 151) cabendo ao ego apenas administrá-lo quando da sua manifestação.

3.1.3. Atitude religiosa

Para Jung, o termo religião não faz alusão a nenhuma denominação eclesiástica; refere-se à atitude religiosa inerente a todo ser humano acima de qualquer adesão a um credo. Seus símbolos, cultos e rituais servem como função transcendente que resulta da união de conteúdos conscientes e inconscientes, possibilitando ao sujeito a descoberta de novas dimensões de si mesmo; algo como uma religião inata, arquetípica, presente em estado de possibilidade.

O contato com o numinoso traz o despertar da consciência da dimensão espiritual, o que nem sempre ocorre de forma harmônica, vezes há, em que acontece de modo tempestuoso envolvendo “uma drástica transmutação dos elementos ‘normais’ da personalidade” (ASSAGIOLI, 1982, p. 53), uma transmutação tão intensa que é facetada por estágios que

poderão ser acompanhados de distúrbios nervosos, emocionais e mentais, o que no contexto cultural do Brasil é relacionado pelos espíritas à mediunidade.

3.2. A Intervenção

A visão aqui adotada é que, se este despertar vier a ocorrer de maneira tumultuada por distúrbios psicossomáticas ou emocionais, cabe a intervenção clínica do terapeuta com formação em Psicologia Integrativa Transpessoal, com a finalidade de abrir um espaço no qual o cliente tenha a oportunidade de se sentir acolhido para discutir seus sintomas, encontrar um suporte psicopedagógico que auxilie sua própria compreensão, para que possa refletir de modo produtivo sobre o processo que atravessa, pois “o desenvolvimento espiritual do ser é uma capacidade evolutiva inata a todos seres os humanos” (GROF, 1994, p.10), embora nem todos aceitem, somos seres multidimensionais fazendo um movimento rumo à integridade. O sujeito vive simultaneamente em várias dimensões, lembrando Wilber que retoma o Vedanta, da filosofia oriental, o qual apresenta os cinco níveis mais importantes do ser: “o nível material, o biológico (o corpo), o mental, o mental superior e o espiritual,” sendo que “o corpo é o suporte energético dos vários estados e níveis da mente...” (WILBER, 2011, p.27)

Porém com endeusamento da ciência no mundo ocidental, o conceito de realidade ficou restrito ao aspecto material, palpável e mensurável da existência, não havendo espaço para a espiritualidade; o que não impede que o processo ocorra. Então de uma perspectiva psicossocial, visando completar as lacunas que cercam o estudo psicológico da mediunidade levanta-se a hipótese que para chegarmos à dimensão espiritual do ser, atravessaremos o território psíquico, e se este território estiver tumultuado, a travessia será idêntica. Se não sabemos trabalhar com o imponderável que possamos ao menos, trabalhar com o psiquismo do médium através da simbologia trazida pelo transe. Assim, se ocorrer durante o transe mediúnico, por exemplo, uma mensagem escrita; dentro do aspecto terapêutico, poderemos levantar qual é o significado daquela mensagem no processo existencial do próprio médium, pois assim como o sonho é do sonhador, o transe é do médium.

3.2.1. Mediunidade e personalidade

Desta forma a mediunidade é vista como a capacidade de captação de uma outra dimensão, e à personalidade do sujeito cabe a interpretação, a percepção crítica, o estudo, a pesquisa e a análise do fenômeno. A interpretação do transe está a cargo da personalidade da

pessoa e se ela desejar, poderá contar com a colaboração de um terapeuta capacitado que auxilie tal pesquisa.

É nossa hipótese de trabalho que o desenvolvimento da mediunidade possa ser visto como uma alavanca para o crescimento das potencialidades do ser, com consciência das informações que está captando e com reflexão sobre o processo em questão. É preciso que o médium se pergunte: para que me serve a mediunidade, para que me serve este tipo de sensibilidade que tenho?

Vejamos um interessante diálogo do médium e seu terapeuta:

— Ah! Mas eu não tenho mediunidade pra ajudar os outros?

— Se não ajudar-se primeiro, ela não serviu a você.

— Ah! Mas essa é uma forma muito drástica de ver a situação.

— Drástica segundo os padrões de quem? Tudo com que a Natureza nos dotou tem uma função nobre. Se você não descobrir qual é a função nobre que a mediunidade tem dentro do seu processo evolutivo, do que ela lhe serve? Há médiuns psicógrafos que se comunicam com a outra dimensão e não conseguem se comunicar com os próprios familiares...

— ???

— É verdade! A mensagem há que servir em primeiro lugar para o próprio médium ou este não foi capaz de beneficiar-se do próprio processo.

— Mas nem todo médium psicógrafo precisa aprender a comunicar-se com os outros, há aqueles que já sabem.

— E a comunicação interna? E a comunicação da própria verdade? E a comunicação dos sentimentos? Se nada houvesse para aprender com a comunicação porque este tipo de mediunidade para esta pessoa?

A vida não faz seus roteiros sem finalidade. (MARTINS, 2005, p. 41)

3.3. O despertar

Quando o despertar da espiritualidade é suave, ninguém busca ajuda terapêutica, porém em situação atribulada, o cliente, por vezes, traz uma sensação de vazio, ou um sentimento de insatisfação sem uma causa material definida, ou a questão do propósito da vida sobre seus sofrimentos; outras vezes, a situação se apresenta de forma mais desconcertante e o sujeito somatiza apresentando insônia, tensão nervosa ou distúrbios digestivos, circulatórios ou glandulares. Comparando-se a “crise do despertar da mediunidade” (MARTINS, 2001, p.40) às “crises que precedem o despertar espiritual” (ASSAGIOLI, 1982, p.54) verifica-se que os fenômenos são os mesmos, que ambos os autores se referem a somatizações; em havendo somatização o fenômeno está ligado à vida emocional e mental do sujeito, cabendo neste viés, a atuação do terapeuta portador de sensibilidade e conhecimento aprofundado que possa atuar no processo de integração ou individuação do ser, isto é, integrar no cotidiano do sujeito esta nova dimensão de si mesmo, que hora se apresenta. Como ninguém dá aquilo que

não tem, só quem vivenciou, pesquisou, estudou, tem uma visão mais próxima da realidade do médium em crise.

As questões da crise do despertar, quando causadas pelo contato com outras esferas da dimensão do ser, não encontram espaço na roda social de amigos, às vezes nem entre os próprios familiares e menos ainda no seu ambiente de trabalho; o sujeito se vê só, assustado, carente de aceitação e orientação.

Geralmente é nesta condição que chega ao centro espírita, o sujeito em crise, com sofrimento, com um desajuste no eixo existencial. Lá encontra um pessoal de boa vontade que o acolhe, que o escuta e tenta orientá-lo, mas apenas boa vontade não basta, é preciso também uma boa dose de conhecimento, o quê, nem sempre está disponível; porém é o único lugar que se dedica a trabalhar com este aspecto humano: a mediunidade.

O sujeito quando busca o centro espírita geralmente está vivendo uma emergência espiritual, ou experiência mística, é quando o contato com o sagrado pode resultar em percepções paranormais, pois encontra-se num estado alterado de consciência, lembrando que se a consciência é um “órgão de percepção” ao alterar seu estado, altera sua percepção de mundo.

O trabalhador do centro intui algo nesse gênero que fica emoldurado pelo véu da religiosidade, vendo no espiritismo uma religião e na mediunidade uma manifestação de espíritos desencarnados; aqui o tema sendo tangenciado pela visão da Psicologia Integrativa Transpessoal, tal situação é vista como nitidamente espiritual ou transpessoal. A palavra transpessoal refere-se à transcendência das fronteiras usuais da personalidade e inclui muitas vivências denominadas espirituais, místicas, religiosas, ocultas, mágicas ou paranormais.

3.4. O acolhimento

O cidadão comum está angustiado, busca um centro espírita, é acolhido; e lá, lhe é dito que ele precisa “desenvolver a sua mediunidade”, ou seja, participar de algumas atividades do grupo. Como ele foi acolhido, encontrou uma escuta, fez uma catarse e foi “rezado” e estimulado; se mais nada acontecesse, já ocorreu ali, gratuitamente um processo terapêutico; ainda que o trabalhador do centro nem sempre esteja suficientemente esclarecido quanto a este fato. Mas, e quanto à sua nova e desconcertante capacidade “paranormal” em contato com as outras habilidades que já existem na sua personalidade: o que será feito? Esse material pede integração. Mais uma vez chama-se a atenção para a questão da sensibilidade e conhecimento do orientador ou terapeuta.

3.5. Estágios do processo do despertar

Segundo Assagioli (1982, p.54) podem ocorrer quatro estágios durante o processo do despertar espiritual do sujeito, aqui resumidamente apresentadas:

1º) Crises que precedem o despertar espiritual: uma mudança lenta ou súbita da sua vida interior, por exemplo a morte de um ente amado, poderia ser um disparador.

2º) Crises causadas pelo despertar espiritual: a abertura entre o nível consciente e supra consciente, ou seja, entre o ego, centro da consciência e o Eu numênico, é quando acontece um influxo de energia espiritual podendo a mente do sujeito não suportar a iluminação, o que lembra o mito de Zeus e Sêmele, sendo que em alguns mais sensíveis ocorre um despertar de percepções parapsicológicas. A cultura espírita denomina este processo de abertura da percepção, de despertar da mediunidade.

3º) Reações ao despertar espiritual, são múltiplas: sentimento de júbilo, *insight* sobre o propósito da vida, podem oferecer solução a problemas ou proporcionam um sentimento de segurança. Porém, por vezes a reação do sujeito é uma “intoxicação emocional” sendo que seus impulsos inferiores despertados tomam espaço na consciência exatamente para serem transmutados. Aqui se acentua a necessidade de um profissional habilitado, ou se possível de uma equipe multidisciplinar, que possa fazer a distinção entre o sujeito que está em crise do despertar espiritual ou em crise de mediunidade, daquele que está em crise patológica, que é portador de uma insanidade da mente.

4º) Fase do processo de transmutação: se constitui num período cheio de alterações entre luz e sombra que lembra o processo de metamorfose da lagarta.

Cada pessoa é um espírito, é uma consciência na experiência humana, que porta sensibilidade em diferentes graus, com diferentes percepções desse fenômeno; assim como a criança não tem consciência de todo seu potencial psíquico, não é de se esperar que todo homem apenas por ter atingido a idade adulta ou ser portador de titularidade acadêmica tenha a consciência desperta para as suas dimensões extrafísicas que a Filosofia Perene apregoa ou poderíamos nos referir a uma *religio perennis*.

A percepção do universo extrafísico, que envolve tudo que está além do fisicamente tangível, como é o caso da dimensão espiritual, antes de qualquer discussão é percepção e como tal se constitui num código pessoal, que faz parte da instância psíquica do homem; aproximar a Psicologia da Espiritualidade é facilitar o processo de desenvolvimento do sujeito.

Sendo o psiquismo uma dimensão que pertence ao universo extrafísico, ninguém nunca viu a inteligência, o impulso, a religiosidade ou a mediunidade *per se*; estes atributos

do ser não são mensuráveis no laboratório de análise. Para se chegar ao universo do espírito há que se chegar primeiro ao psiquismo do sujeito. O que equivale dizer, que para se cuidar da crise aguda causada pela experiência religiosa, ou pela emergência espiritual ou pelo despertar atribulado da mediunidade do indivíduo, é conveniente trazer para a discussão, além da fé e da prece, também o psiquismo do sujeito visando a integração da dimensão do sagrado no cotidiano.

3.6. Emergência espiritual

Para Grof a definição de “emergências espirituais” se refere a:

“estágios críticos e experimentalmente difíceis de uma transformação psicológica profunda que envolve todo o ser da pessoa. Tomam a forma de estados incomuns de consciência e envolvem emoções intensas, visões e outras alterações sensoriais, pensamentos incomuns, assim como várias manifestações físicas. Esses episódios que geralmente giram em torno de assuntos espirituais, incluem sequências de morte e renascimento psicológico, experiências que parecem memórias de vidas passadas, sensações de união com o universo, encontro com diversos seres mitológicos e outros temas semelhantes.”(GROF,1994, p.39)

Aquilo que Assagioli (1982, p.55) denomina de “crise causada pelo despertar espiritual” é próximo daquilo que Grof denomina “emergência espiritual” e que aqui, no país, recebe a denominação de “aflorar da mediunidade”. Cada autor fala de seu próprio ângulo de visão sobre as intercorrências psíquicas do fenômeno mediúnico, ou seja das manifestações agudas do despertar espiritual.

3.7. Resposta ao processo

Na descrição de Assagioli: a crise ocorre quando em alguns casos, a personalidade é inadequada em um ou mais aspectos, e conseqüentemente incapaz de assimilar o afluxo de luz e força que ocorre. Isso acontece, “quando o intelecto não é equilibrado ou as emoções e a imaginação não são controladas; quando o sistema nervoso também é sensível; ou quando o influxo de energia espiritual é irresistível e intenso” (ASSAGIOLI, 1982, p.57).

O médium, por natureza, é um sujeito altamente impressionável, dado ao seu alto grau de sensibilidade ao mundo energético que o cerca, ou não seria médium. Sendo que a incapacidade mental do sujeito “para suportar a iluminação, ou a tendência para o egoísmo ou a presunção podem fazer com que a experiência seja erroneamente interpretada” (ASSAGIOLI, 1982, p.57) resultando então numa inadequação de níveis.

3.8. A crise

Emergência vem do latim *emergere* que significa fazer subir à superfície, vir para fora. Em seu livro "A Tempestuosa Busca do Ser", Cristina e Stanislav Grof relatam a emergência espiritual que eles viveram e que através do conhecimento ocorrido, em função de tais experiências, passaram a ajudar pessoas que estavam nesse mesmo processo.

Na narrativa de Grof, as pessoas que atravessam tais crises são “bombardeadas por experiências interiores,” que desestruturam de modo abrupto suas crenças habituais e “seu jeito de ser; seu relacionamento com a realidade modifica-se rapidamente” (GROF, 1994, p.43) ou seja, a crise interfere na personalidade do médium.

3.8.1 Relato de uma crise

Na narrativa de Martins (2001, p.188) fazendo alusão ao despertar da mediunidade há um longo relato da mãe de um rapaz universitário, que procura ajuda, por causa das “estranhices” do filho, que até então ele tinha um comportamento dentro do esperado, porém nos últimos tempos passara a ficar “muito nervoso, olhos arregalados, respiração ofegante, mãos gélidas, pele suarenta, gritando com medo, revendo as portas que já trancara [...] tendo visões”. A mãe tentara acalmá-lo como pode, e o rapaz parecendo recobrar a lucidez por instantes, em meio à crise, disse a ela: “Mãe! Eu não consigo controlar, é uma coisa mais forte do que eu...”

Ela o colocou no carro e rumou para o hospital mais próximo, onde ele foi sedado, com promessa de conduzi-lo ao psiquiatra na manhã seguinte.

Na manhã seguinte, já no consultório do psiquiatra, o rapaz, mal,

conseguia aguardar o psiquiatra. Quando chamado, contrariando seu comportamento habitual, foi irônico e agressivo com o médico, que solicitou do enfermeiro uma nova dose de sedativo. Quando o enfermeiro chegou com o remédio, Bruno riu desdenhosamente, aproximou-se da janela e, com a agilidade de um gato, saltou para os jardins. E de lá para as ruas. Soou o alarme, os seguranças foram acionados; mas trazer Bruno de volta não foi tarefa fácil. Ele era moço, forte, atleta, muito ágil, e parecia estar possuindo a força de dez cavalos. (MARTINS, 2001, p.191).

Observa-se que as definições de Assagioli e Grof respectivamente se encaixam no relato do caso do universitário: a crise é difícil, desestrutura de forma abrupta o modo de ser do sujeito, ou seja, desestrutura sua personalidade, trazendo um comportamento não habitual irônico e agressivo em suas emoções, permeado de ideias estranhas; o que no espiritismo recebe a denominação de transe mediúnico ou possessão; muito embora o indivíduo não estivesse numa sessão espírita.

O transe mediúnico visto como um fenômeno religioso ou não, apresenta um aspecto psicológico importante. Se ocorrer uma alteração no estado de consciência do sujeito, conseqüentemente ocorrerá uma alteração na sua forma de perceber a realidade, fato que pede um ajuste. O transe mediúnico é em estado alterado de consciência tal como o sonho, onde o sujeito apresenta uma percepção baseada em experiências diretas de dimensões e observações incomuns de outros aspectos da realidade. Tais experiências não requerem um lugar especial ou uma pessoa designada oficialmente para mediar contato com o outras dimensões do ser, simplesmente acontecem.

Os místicos ou médiuns não necessariamente devam frequentar centros ou templos, uma vez que entendemos que “espiritualidade é a busca pessoal pelo sagrado ou divino, através das experiências de vida, em indivíduos ligados a uma instituição religiosa ou não.” (Macieira, 2004, on line)

3.9. O apoio terapêutico

O contexto no qual os médiuns experienciam outras dimensões da realidade, incluindo sua própria divindade, são os seus corpos; e ao invés de religiões institucionalizadas, seria talvez de maior proveito para o desenvolvimento de sua personalidade o apoio terapêutico, o reconhecimento da crise, a possibilidade de identificação de suas dificuldades, mas ele não é a crise, portanto desidentificando-se dela, começará a ganhar espaço na direção da transmutação, transformando, elaborando e integrando uma nova percepção de si mesmo; quando as perspectivas se ampliam, o indivíduo integra a mudança, com reflexos positivos no seu cotidiano. Para tanto acreditamos na atuação do acompanhamento terapêutico, sob a orientação psicopedagógica de um terapeuta transpessoal, que esteja mais avançado na jornada interior. A espiritualidade que se manifesta através da mediunidade envolve um tipo especial de relacionamento entre a consciência do indivíduo e as demais dimensões do ser, é em essência um caso privativo e pessoal que deve ser cuidado no singular sob o olhar atento do orientador, no seu ritmo, pois cada cliente tem seu próprio dinamismo.

Aprofundando o olhar, o transe não acontece a esmo, é quando se faz presente o estudo da sincronicidade, porque aquele médium tem aquele determinado tipo de transe? Naquele seu momento de vida? E como ele sente o simbolismo da mensagem para si mesmo em seu processo de desenvolvimento? É quando a Psicologia Integrativa Transpessoal pode entrar como um fator de integração de grande valia para o crescimento do sujeito, no processo de individuação, isto é, para orientação da vivência do eixo evolutivo.

Leloup, Weill, Wilber e outros defendem a postura que é preciso cuidar do ser humano em sua globalidade, em sua totalidade.

Ocorre um equívoco ao se confundir a crise do despertar espiritual, com qualquer denominação que se queira dar, com as patologias da mente. A tese da Almeida relata que se faz necessário fazer a distinção entre uma vivência místico religiosa, aqui vista como transe mediúnico, e os sintomas da perturbação mental, uma vez que o transe pode conter “um potencial transformador positivo” (ALMEIDA, 2004, p.40) e a perturbação mental trará “sofrimento e incapacitação requerendo tratamento médico”.(IDEM)

Se faz importante reconhecer os eventos de ordem do desenvolvimento espiritual tratando-os de modo apropriado, devido ao seu enorme potencial de crescimento e de cura pessoal, que em geral poderia ser suprimido por uma medicação de rotina indiscriminada. Muita pesquisa, conhecimento e treinamento são necessários para o domínio desta área, caminhamos tateando; em sua grande maioria os centros espíritas que é a parcela da população que está aberta ao tema da mediunidade não conta com o conhecimento da Psicologia Integrativa Transpessoal e os meios acadêmicos não discutem o tema da mediunidade, ainda há uma cisão e a integração do ser fica dificultada.

Se entendido adequadamente e tratado como em estágio difícil de um processo natural de desenvolvimento, o transe mediúnico pode resultar em cura de distúrbio emocional ou psicossomático, em ajuste de personalidade, em solução de importantes problemas da vida e numa evolução rumo a um nível superior de consciência.

CONCLUSÃO

Tornar-se um todo significa aceitar tudo de nós.

Até agora, a despeito dos registros antiquíssimos, o conhecimento humano só conseguiu levantar uma pequena ponta do véu que encobre essa instigante faculdade do homem, a mediunidade, e sua relação com a saúde psíquica.

Sabe-se que apenas tangenciamos os primeiros aspectos de um vasto campo de pesquisa, que implica numa melhor compreensão das diferentes nuances das experiências humanas de mediunidade, visando uma prática clínica mais acolhedora e efetiva àqueles que buscam auxílio durante suas crises, abrindo a possibilidade de um diagnóstico diferencial em relação àqueles que comprovadamente apresentam múltiplos transtornos mentais.

A despeito da necessidade desse avanço, já dispõe-se, no momento, de material científico que nos permite integrar a mediunidade enquanto processo de desenvolvimento do ser, na prática clínica, o que parece ser bastante animador trazendo potenciais benéficos no tocante à saúde integral do cliente; onde o fenômeno mediúcnico é visto como um meio e será analisado em sua simbologia e integrado, enquanto ele ocorrer, no processo existencial do sujeito tendo em vista que aconteceu num estado alterado de consciência. Essas possibilidades nos impelem a tratar o transe mediúcnico com grande respeito e a cooperar de modo clínico, na realização do seu potencial de cura ou de transformação. Quando o terapeuta ignora esta possibilidade está deixando de compreender seu cliente em sua inteireza e pondo de lado a totalidade do ser humano.

Quanto a elaboração do diagnóstico, há necessidade indispensável de preparo do profissional da área psíquica, o que será objeto de futuras reflexões, uma vez que o

conhecimento e a experiência do profissional terá participação em suas orientações, lembrando que em nossos cursos de formação em Psicologia não há carga horária que tangencie tal conhecimento. Como orientar aquilo que se desconhece? A profundidade da orientação é necessariamente limitada pela percepção do terapeuta.

Não é negando uma situação que vamos solucioná-la, uma crise mediúnica trata-se de um fato psíquico, de uma experiência do indivíduo e sua verdade, o que se constitui num fato, e não numa apreciação.

Abordar mediunidade de modo clínico, além da conclusão é uma opção existencial.

Referências

ALMEIDA, Alexander Moreira. *Fenomenologia das experiências mediúnicas: perfil e psicopatologia de médiuns espíritas*. 2004. 278f. Dissertação (Doutorado em Ciências-Área de Concentração:.Psiquiatria), Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, 2004. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/5/5142/tde-12042005-160501/pt-br.php> Acesso em: 15 set. 2007

ALMEIDA, Alexander Moreira de, e Lotufo, Neto Francisco. A mediunidade vista por alguns pioneiros da área mental *Rev. psiquiatr. clín.* vol.31 no.3 São Paulo 2004. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-60832004000300003&script=sci_arttext>. Acesso em: 13 set. 2010.

ASSAGIOLI, Roberto. *Psicossíntese Manual de Princípios e Técnicas*.1 ed.São Paulo: Cultrix Ltda.1982.

Associação Médico Espírita do Brasil
<http://www.amebrasil.org.br/2015/docs/MEDICINE_AND_SPIRITUALITY.pdf>
Acesso em: 20/set.2015.

Associação de Psiquiatria Americana *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V)*, Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva. Disponível em: <<http://www.usp.br/rbtcc/index.php/RBTCC/article/viewFile/659/406>>
Acesso em: 02 jun.2015

BÍBLIA Sagrada, livro Êxodo cap.19 e 20.

_____ livro Lucas cap.1 vers 26-38

CAVALHEIRO, Carla Maria Frezza. *Espiritualidade na clínica psicológica: Um olhar sobre a formação acadêmica no Rio Grande do Sul*. 2010.143f. Dissertação. (Mestrado em Psicologia Clínica) - UNISINUS, São Leopoldo.Disponível em: <<http://livros01.livrosgratis.com.br/cp150899.pdf>>. Acesso em: 15 fev.2014

CÓDIGO Internacional de Doenças. 10 ed. disponível em <www.datasus.gov.br>
Acesso em: 15 mar.2015

CÓDIGO Penal da República dos Estados Unidos do Brasil de 1890. Disponível em <<http://legis.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=66049>>
Acesso em: 13 mai. 2010

FRANKL, Viktor E. *A presença ignorada de Deus*. 15.ed. São Leopoldo RS- Sinodal, 2014.

GROF, Christina; GROF Stanislav. *A Tempestuosa busca do ser*.1.ed. São Paulo: Editora Cultrix Ltda,1994.

GROF, Stanislav ; BENNETT, Hal Zina. *A Mente Holotrópica: Novos Conhecimentos Sobre a Psicologia e Pesquisa da Consciência*. (Coleção Arco do Tempo, Vol. 8) 1ed. Rio de Janeiro: Ed Rocco, 1999.

GROF, Stanislav ; GROF, Chisthina (Org). *Emergência Espiritual Crise e Transformação Espiritual*. 1.ed.São Paulo: Cultrix Ltda, 1992.

KARDEC, Allan. *O Livro dos Médiuns*. 41. ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira,1979.

JAMES, W. - *The Principles of Psychology*, vol. I. Henry Holt & Company, New York, 1890.

JUNG, C.Gustav.*Psicologia e Religião*.3.ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

LEVIN, Jeff. *Deus, fé e saúde*.1 ed.São Paulo: Pensamento-Cultrix Ltda. 2003.

MACIEIRA, Rita de Cássia. *O sentido da vida na experiência da morte*. 2.ed São Paulo: Casa do Psicólogo Livraria e Editora Ltda.2007.

_____. 2004. Publicação on-line. Disponível em
<http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/inca/rita_dimensao_espiritual_da_familia.pdf>
Acesso em: 02 jun.2015

MARTINS, Maria Aparecida. *Conexão Uma nova visão de mediunidade*.1.ed.São Paulo: Centro de Estudos Vida e Consciência Editora Ltda, 2001.

_____. *Mediunidade e autoestima*. 1. ed. São Paulo: Centro de Estudos Vida e Consciência, Editora Ltda, 2005.

NAOE, Aline. Publicado em Comportamento, USP Online. Programa do IPq incorpora dimensão espiritual a tratamento médico. 2014. Disponível em: <
<http://www5.usp.br/39039/programa-do-ipq-incorpora-dimensao-espiritual-a-tratamento-medico/>> Acesso em: 02 jun.2015

OTTO, Rudolf. *O Sagrado: aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional*. São Leopoldo: Sinodal, 2007.

SALDANHA, Vera. *Psicologia Transpessoal: Abordagem Integrativa Um conhecimento emergente em Psicologia da Consciência* (não consta o número da edição.) Ijuí RS: Unijuí, 2014.

WEIL, Pierre. *As Fronteiras da Regressão*. 2.ed Petrópolis, Editora Vozes, 1989.

WILBER, Ken. *O espectro da consciência*. 7.ed São Paulo: Editora Cultrix, 2003.

WILBER, Ken. *O olho do espírito*. 2.ed São Paulo: Editora Cultrix, 2007.

WILBER, Ken. *Psicologia Integral*.3.ed.São Paulo: Pensamento-Cultrix Ltda, 2011.

ZANGARI, Wellington e MARALDI, Everton de Oliveira. Psicologia da mediunidade: do intrapsíquico ao psicossocial. *Bol. - Acad. Paul. Psicol.* [online]. 2009, vol.29, n.2 [citado 2015-09-01], pp. 233-252 . Disponível em:
<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-711X2009000200003&lng=pt&nrm=iso>. ISSN. Acesso em: 12 jan 2015.